

A RENASCENÇA LITERÁRIA ITALIANA VISTA POR YEATS: NOTAS SOBRE UMA EVOLUÇÃO DE PERSPECTIVAS

Pedro Garcez Ghirardi*

RESUMO: Por vezes se supõe que o interesse de Yeats pelo *Cortesão* de Castiglione indique permanente admiração pelo Renascimento italiano. No tocante à literatura, porém, não se pode pressupor tal admiração. O exame da atitude de Yeats para com a Renascença literária italiana nos anos que precedem e sucedem sua leitura de Castiglione, no início do século XX, mostra que esses anos foram para ele de mudança decisiva. É então que Yeats passa a encarar o Renascimento como complementar e não oposto a seus ideais. Este ensaio busca descrever a atitude de Yeats perante o Renascimento literário italiano nesse período de evolução de seu pensamento.

Palavras-chave: Arte, aristocracia, Renascimento italiano.

Decorridos cinquenta anos desde a morte de William Butler Yeats (1865-1939), já são numerosos, dentre os críticos de sua obra, os que lhe têm estudado as relações com as literaturas românicas, especialmente a francesa e a italiana. Relações nem sempre diretas e nem sempre constantes, mas que, por vezes, deixaram no legado do Poeta sinais inconfundíveis. É conhecida a atenção de Yeats para com os simbolistas franceses, ou, para ficarmos no caso dos italianos, sua estima pela poesia de Dante. De fato, do jovem poeta pré-rafaelista, que lia a *Vita Nuova* na tradução de Rossetti, ao consagrado autor teatral, que em Pirandello reconhecia o escritor "who alone of living dramatists has unexhausted, important material"¹, Yeats se mostrou por toda a vida leitor e apreciador da literatura italiana.

É estranho, diante disso, que pouco se encontre, no trabalho de crítica, que ajude a lançar luz sobre a posição de Yeats perante o período de apogeu da cultura literária italiana que foi a Renascença. Com a notável exceção de Castiglione, são em geral fugazes e fragmentárias as alusões dos estudiosos à posição de Yeats diante do Renascimento literário italiano e de seus escritores. Investigar essa

(*) Professor no Departamento de Letras Modernas, FFLCH-USP.

(1) W. B. Yeats, *The Letters*, ed. by Allan Wade. London, Rupert Hart-Davis, 1954, p. 776.

questão, por outro lado, é recordar a extrema mobilidade do pensamento do Poeta, sempre em busca de novas sínteses, de novos horizontes. Eis outro dado nem sempre suficientemente ressaltado pelos pesquisadores. E, em especial, por dois pesquisadores aos quais devemos contribuições valiosas sobre o tema que ora nos ocupa. Insuficiente nos parece a pouca flexibilidade com que apresentam a posição de Yeats ante o período renascentista e seu significado. Falam-nos do Yeats da década de 1930 e do Yeats da passagem do século como se nesse lapso de tempo, em que sua poesia tanto se transformou, seu pensamento crítico houvesse permanecido sempre idêntico, inalterado. Cheguemo-nos, pois, às considerações desses estudiosos.

Deve-se a Corinna Salvadori, autora de brilhante estudo sobre Yeats e Castiglione, a opinião de que o Poeta se teria mostrado constante admirador do Renascimento. São estas as suas palavras: "At what stage in his life was this attraction present? I think one could answer, always. The young Yeats, who read and admired Peter, wrote of the Renaissance with the same enthusiasm that he had when he wrote about it for the last time (...)"². Sem embargo dessa opinião da eminente especialista, ainda cremos necessário determinar a resposta exata àquela pergunta por ela mesma formulada. No caso da Renascença literária italiana, de que Castiglione é um dos grandes nomes, sustentar sem mais que haja havido permanente atração sobre Yeats parece-nos afirmação que nada tem de evidente. Pelo contrário, entendemos haver indícios bastantes para perceber que a atitude de Yeats para com o Renascimento literário italiano nem sempre foi de admiração ou afinidade. O que se nota é que, no limiar deste século, aumentam as referências do Poeta a escritores pré-renascentistas ou renascentistas de língua italiana. Isso se dá sobretudo desde o ano em que *lady* Gregory lhe faz a leitura do *Cortêsão* de Castiglione (segundo a clássica tradução de Thomas Hoby) até o ano em que o Poeta vai à Itália – entre 1903 e 1907, portanto.

Mas não é só: Corinna Salvadori procura definir, em termos cronológicos, o período renascentista, conforme lhe parece haja sido a posição de Yeats. É assim que ela o faz:

When Yeats applied to history the system which he discovered by means of his wife's automatic writing and which he explained in *A Vision*, he gave the Renaissance definite dates: 1450-1550, and placed it at phase 15 of the twenty-eight lunar phases of the millenium going from 1000 to 2000 A.D..³

(2) SALVADORI, Corinna. *Yeats and Castiglione: Poet and Courtier*. Dublin, Allen Figgis, 1965, p. 34.

(3) Id., *ibid.*

Note-se que aí se tomam em bloco momentos diferentes do pensamento de Yeats. Seria talvez a posição do Poeta, por volta de 1907 (ano da viagem à Itália, à Urbino de Castiglione), a mesma de 1917 (ano de seu casamento e do início do suposto fenômeno de escrita automática), ou de 1937 (ano da versão definitiva de *A Vision*)? Julgamos necessária cautela ao afirmá-lo. Observe-se, aliás, que mesmo no que diz respeito a *A Vision*, as "definite dates" apontadas no texto citado nos parecem passíveis de outra interpretação. De fato, vamos às palavras de Yeats:

The period from 1450 to 1550 is allotted to the gyre of Phase 15, and these dates are no doubt intended to mark *somewhat vaguely* a period that begins in one country earlier and in another later. I do not myself find it possible to make more than the first half coincide with the central moment, Phase 15 of the Italian Renaissance – Phase 22 of the entire era (...) ⁴

As Indicações de Yeats, portanto, são bem mais matizadas. Até porque a fase 15, ainda segundo *A Vision*, pode corresponder ao momento central da Renascença italiana, mas está longe de lhe esgotar o âmbito. Efetivamente:

The eighth gyre, which corresponds to Phase 16, 17 and 18 and completes itself, say, between 1550 and 1650, begins with Raphael, Michael Angelo and Titian (...). I think Raphael almost of the earlier gyre – perhaps a transitional figure – but Michael Angelo, Rabelais, Aretino, Shakespeare, Titian (...) – I associate With (...) the eighth gyre ⁵

Ora, bastariam os nomes apontados por Yeats para fazer perceber que as datas lembradas como início e fecho no estudo de Corinna Salvadori (1450-1550) correspondem mesmo somente ao momento central da Renascença italiana. Esta, entretanto, assim como poderia muito bem ter começado "earlier", assim também poderia estender-se para além de meados do século XVI, sempre segundo as concepções de Yeats. Ademais, lembre-se, resta ainda saber se a posição de *A Vision* corresponde ou não ao que pensava Yeats na época em que leu Castiglione – ponto que Corinna Salvadori não aventa e ao qual retornaremos.

(4) W. B., Yeats. *A Vision*. London, MacMillan, 1962, p. 291. Grifo nosso.

(5) Id., op. cit., p. 294.

Semelhante à argumentação que se acaba de discutir é a de William M. Carpenter, estudioso voltado para o interesse de Yeats pelo Renascimento literário. No entender de Carpenter "Yeats's myth of the Renaissance is formulated as early as 1906"⁶ Afirmação desde logo surpreendente, pois exclui da formulação do mito do Renascimento a viagem do Poeta à Itália, em 1907. Repassemos, pois, algumas impressões de crítica sobre a importância dessa viagem dentro da evolução do Poeta. Para alguém que o conheceu pessoalmente, como Allan Wade, a viagem de 1907 foi para Yeats "a tour which made a lasting impression, reflected often in his writing"⁷. Para Jeffares, a viagem à Itália está vinculada à própria leitura de Castiglione e faz parte das circunstâncias que levaram Yeats a se aproximar das instituições renascentistas: "The choice of Italian courts was due to his approval of Castiglione's *The Courtier* (...) and to his Italian journey of 1907"⁸ Concorda inteiramente com Jeffares, quanto a esse ponto, uma das mais recentes investigadoras do pensamento de Yeats: "In 1903 Lady Gregory read aloud to him Castiglione's *Book of the Courtier*, and in 1907 he accompanied her to Italy. Thereafter, his poetry and prose glorified the courts of Italian Renaissance dukes and princes, especially the court at Urbino described by Castiglione"⁹ São palavras que não deixam dúvida: a visita a Urbino, em 1907, foi não só consequência da leitura do *Cortesão*, mas momento decisivo no processo de formação das concepções de Yeats sobre a Renascença italiana. Eis por que parecia surpreendente a posição de Carpenter ao afirmar que, desde 1906, desde antes da viagem à Itália, portanto, já havia Yeats alcançado uma formulação definitiva de seu mito da Renascença. mas aceitemos por ora, *ad argumentandum*, essa opinião. Resta por examinar outra afirmação de Carpenter: a de que o Renascimento apresentaria, para Yeats, âmbito vastíssimo. Diz o crítico: "Yeats saw the Renaissance broadly as a period beginning with Dante and ending with Cromwell (...)"¹⁰

Deixemos de lado a disparidade dos marcos escolhidos – literário um, político outro. Notemos tão só que a posição que Carpenter atribui a Yeats implica em estender o Renascimento do *stilnovo*, isto é, de fins do século XIII, a meados do século XVII, isto é, às vésperas do nascimento de Vico e da *Querelle des Anciens et des Modernes*. Claro está que, adotado esse critério, basta demonstrar que

(6) CARPENTER, William M. "The *Green Helmet* Poems and Yeats's Myth of the Renaissance". *Modern Philology*, 67 (1969) p. 53.

(7) WADE, Allan. Apresentação de W. B. Yeats, *The Letters*, cit. p. 276.

(8) JEFFARES, Norman A. *W. B. Yeats: Man and Poet*. London, Routledge and Kegan Paul, 1949, p. 170.

(9) CULLINGFORD, Elizabeth. *Yeats, Ireland and Fascism*. London, MacMillan, 1981, p. 71.

(10) CARPENTER M. William. Art. cit., p. 50.

Yeats apreciava a poesia de 1300 ou os ideais literários de 1650 para sustentar também que admirava o Renascimento literário. Pois adotado esse critério, renascentista é Guido Cavalcanti, em plena Idade Média; renascentista é ainda o *cavali*er Marino, trezentos anos mais tarde. A dúvida, entretanto, está em saber qual o proveito, para a pesquisa que se pretende científica, de adotar critério tão elástico. Mas não é só.

Com efeito, ainda que o termo final proposto por Carpenter – 1650 – seja sustentável com base em *A Vision* (mas retomaremos o ponto), o mesmo não se pode dizer do termo inicial. Na obra de Yeats a que acabamos de aludir, estabeleceu-se o início do Renascimento por volta de 1450. É certo que fica advertido que esse início poderia antecipar-se ou retardar-se, conforme o país em exame. Ora, ainda que no caso da Itália antecipássemos em cem anos a data inicial – pondo-a em 1350, portanto – teríamos que Yeats exclui do Renascimento a figura de Dante (morto em 1321) e nele inclui as de Petrarca e Boccaccio (mortos em 1374 e 1375, respectivamente). Isso seria já bem mais compreensível. Seja como for, com base em *A Vision*, a dilatação do Renascimento proposta no estudo de Carpenter parece extremamente forçada. Ora, aonde foi o estudioso inspirar-se para estabelecê-la? Pois em outra obra de Yeats, *On the Boiler*, à qual nos remete. Novamente aqui, a nosso ver, cabem reparos. Basta, por ora, notar a desenvoltura com que se propõe uma obra da década de 1930, como *On the Boiler*, para esclarecimento de uma posição que o crítico supõe firmada – recorde-se – "as early as 1906". Basta essa observação para perceber que, se é útil recorrer a *On the Boiler* para chegar ao conhecimento cabal do pensamento de Yeats sobre a questão – bem por isso voltaremos ao exame dessa obra – é duvidoso que um texto dos últimos anos da vida do Poeta seja espelho fiel de seu pensamento como se apresentava um quarto de século mais cedo. É indispensável buscar qualquer informação, por sumária que seja, deixada pelo Yeats de inícios do século XX acerca de sua visão do Renascimento. Entendemos que, embora muito breves, há importantes indicações a tal respeito. Para bem avaliá-las, porém, cumpre ter presentes alguns dos elementos que condicionaram as perspectivas donde Yeats examinava a questão.

Pode-se reconhecer, desde já, que a delimitação do Renascimento, tal como tenta estabelecê-la o Poeta, se nos apresenta um tanto fluida. Seríamos levados a ver nessa relativa fluidez outro exemplo da característica do pensamento de Yeats que de início lembrávamos: a busca de síntese novas. Ocorre, entretanto, que neste caso não se trata disso apenas. O próprio Yeats fora encontrar alguma fluidez no pensamento daqueles que o nortearam na questão, ou seja, Walter Pater e John Addington Symonds.

Já em Pater e Symonds, de fato, se encontra sensível indeterminação no tocante à cronologia do período renascentista. Pater, por exemplo, assim esclarece o que entende pela palavra Renascimento:

I have explained (...) what I understand by the word, giving it a much wider scope than was intended by those who originally used it to denote that revival of classical antiquity in the fifteenth century which was one of the many results of a general excitement and enlightening of the human mind (...). This outbreak of the human spirit may be traced far into the middle age itself (...)¹¹

Ao contrário dos que contrapõem radicalmente Idade Média e Renascença, Pater, como outros estudiosos, hesita em delimitar com exatidão a fase inicial do movimento, falando até mesmo em Renascimento medieval. Com efeito,

this theory of a renaissance within the middle ages (...) seeks to establish a continuity between the most characteristic work of that period (...) and the wake of the later Renaissance (...), thus healing that rupture between the middle ages and the Renaissance which has so often been exaggerated¹².

Sem embargo disso, Pater vem também a reconhecer que o movimento renascentista possui características próprias e apresenta com clareza um momento central: "But it is in Italy, in the fifteenth century, that the interest of the Renaissance mainly lies (...)"¹³ Por outras palavras, dentro de uma conceituação ampla do renascimento, pode-se vislumbrar em Pater a conhecida distinção entre um período pré-renascentista (que denomina "Renaissance within the middle ages") e um período renascentista propriamente dito, que situa na Itália do século XV, onde "the interest of the Renaissance mainly lies".

Não é de modo muito diferente que Symonds encara a questão. Para ele, o movimento renascentista, preparado no campo literário pela *Divina Comédia*, recebe impulso decisivo dos dois outros grandes nomes do *Trecento* italiano: "It is Petrarch's peculiar glory to have held two equally illustrious places in the history of modern civilization, as the final lyricist of chivalrous love and as the founder of the Renaissance"¹⁴ E quanto a Boccaccio: "After Petrarch, Boccaccio opened yet another channel for the stream of freedom. His conception of human existence

(11) PATER, Walter. *The Renaissance*. New York, The Modern Library, s.d., p. xxviii-xxix.

(12) Id., op. cit., p. 3.

(13) Id., op. cit., p. xxx.

(14) SYMONDS, John Addington. *Renaissance in Italy*. New York, The Modern Library, 1935, vol. I, p. 889.

(...) familiarised the fourteenth century with that form of semi-pagan gladness which marked the real Renaissance¹⁵ "The real Renaissance": ainda aqui, portanto, se percebe, para além das vacilações, a distinção implícita entre pré-renascentistas e renascentistas. Sim, pois com Petrarca e Boccaccio não se havia ainda completado o tempo de que tratamos – "What we call the Renaissance had not yet arrived, but their achievement rendered its appearance in due season certain"¹⁶ Mais ainda: Symonds vê em Boccaccio o precursor, em Ariosto o supremo representante, em Tasso o epígono da Renascença. Deste último assim fala o crítico:

Properly speaking, he was the genius of that transition from the Renaissance to the Counter-Reformation (...). By natural inclination he belonged to the line of artists which began with Boccaccio and culminated in Ariosto. But his training and the bias of the times in which he lived, made him break with Boccaccio's tradition (...)¹⁷

Se essas são as posições de Symonds e Pater, se aqueles cujas obras deram a Yeats elementos para conceituar a Renascença chegam a flutuar em suas posições, melhor se entenderá agora a fluidez das concepções mesmas do Poeta. Fluidez que fica patente a quem quer que coteje com cuidado os diversos momentos da reflexão de Yeats. É tempo de passar ao exame dessa reflexão. E de examiná-la tal como se configurava nos primeiros anos deste século. Veremos que, justamente nesses anos, se encontram indícios indisfarçáveis de importante evolução.

Difícilmente se achará ponto de partida mais expressivo que uma página escrita por Yeats em 1902. Página rica em indicações sobre o pensamento do Poeta, não só quanto à cronologia, mas quanto a muitos aspectos centrais do Renascimento literário italiano. Falando-nos de Spenser, eis o que escreve Yeats:

He was born in London in 1552, nineteen years after the death of Ariosto, and when Tasso was about eight years old. Full of the spirit of the Renaissance, at once passionate and artificial, looking out upon the world now as craftsman, now as connoisseur, he was to found his art upon theirs rather than upon the more humane, the more noble art of Malory and the

(15) Id., op. cit., vol. I, p. 8.

(16) Id., ibid.

(17) Id., op. cit., vol. II, p. 776.

Minstrels. Deafened and blinded by their influence (...) he was always to love the journey more than its end, the landscape more than the man, and reason more than life, and the tale less than its telling¹⁸.

Não se pode ignorar essa página, se se quiser entender não só a cronologia do Renascimento literário italiano segundo Yeats, tal como a conceituava no início do século XX, mas também se se quiser entender como ele então encarava todo o movimento renascentista de inspiração italiana. Este segundo aspecto do texto nos ocupará mais adiante. Por ora, basta notar que Yeats está longe de admirar ir-restritamente o Renascimento. Mas, agora, o que interessa observar são os subsídios aí contidos para estabelecermos, segundo Yeats, a cronologia do Renascimento literário italiano.

"Full of the spirit of the Renaissance": é assim que Yeats se refere a Spenser. E aonde ia Spenser haurir o espírito que o tomava? Pois em Ariosto e Tasso: "he was to found his art upon theirs". A morte de Ariosto e o nascimento de Tasso vêm a ser as datas que Yeats lembra por marcos desse período literário: temos, assim, que é na primeira metade do século XVI, mais precisamente, se quisermos, entre 1533 e 1544, que Yeats julga vislumbrar a plenitude da Renascença literária italiana, já a transbordar por toda a Europa. É claro que não havemos de tomar com rigidez essas datas. Não há negar, entretanto, que apontam para o século XVI, e antes para a primeira que para a segunda metade da centúria. Nem há dúvida de que a posição de Yeats, tal como a expressa em 1902, concorda substancialmente com a de Symonds, há pouco citada: também Yeats divisa em Ariosto o auge, em Tasso o fecho da Renascença literária italiana.

Repetimos: são palavras de 1902. No ano seguinte, 1903, Yeats tomará conhecimento da obra de Castiglione, por meio da leitura que dela lhe fará *lady Gregory*. E alguns anos mais tarde, em 1907, fará sua primeira viagem à Itália. Para percebermos o alcance desses acontecimentos sobre a reflexão de Yeats, vejamos o contraste entre a cronologia do Renascimento por ele proposta em 1902 e outra, esboçada alguns anos após aqueles eventos, em 1912. É então que o Poeta faz importante consideração sobre a Renascença italiana, e é quase imperceptivelmente que a faz, ao falar sobre tema inteiramente estranho, ou seja, sobre a poesia de Tagore. São estas suas palavras:

(18) W. B. Yeats. "Edmund Spenser", in *Essays and Introductions*. London, MacMillan, 1961, p. 356.

A few days ago I said to a distinguished Bengali doctor of medicine (...) 'An Englishman living in London in the reign of Richard II, had he been shown translations from Petrarch or from Dante, would have found no books to answer his questions, but would have questioned some Florentine banker or Lombard merchant as I question you. For all I know, so abundant and simple is this poetry, the new Renaissance has been born in your country and I shall never know of it except by hearsay',¹⁹

Fica bem claro o paralelo entre o Yeats dos tempos de Jorge V e o anônimo súdito de Ricardo II: este presenciara a antiga, aquele presencia "the new Renaissance" E se a nova Renascença parece surgir na Índia com Tagore, a antiga surgira na Itália, com Petrarca e Dante. Note-se bem o ponto: já não há a oposição que vimos no texto de 1902 entre a literatura renascentista (então entendida como literatura quinhentista, representada sobretudo por Ariosto e Tasso) e a literatura medieval ("Malory and the Minstrels", opunha o texto de 1902 aos poetas italianos). Aqui não. Petrarca e Dante são tomados como poetas da Renascença. E a literatura renascentista já não é criticada, antes, é comparada à de Tagore num elogio. Como tampouco é contraposta à medieval. Dante aqui se torna homem da Renascença. A literatura renascentista parece continuar, sem rupturas, a da Idade Média, e Petrarca representaria com eminência o movimento renascentista aberto pela *Divina Comédia*. Mais ainda: Dante e Petrarca são tidos por Yeats como poetas populares, conhecidos de homens comuns tais como "some Florentine banker or Lombard merchant". Ora, sabe-se da importância atribuída por Yeats à popularidade da literatura, desaparecida, segundo ele, desde que os tempos modernos acolhem a arte renascentista. Ariosto libertado pelos salteadores que admiram o *Orlando Furioso* seria um exemplo extremo dessa popularidade perdida: "Before the modern movement, and while it was but new, the ordinary man, whether he could read and write or not, was ready to welcome great literature. When Ariosto found himself among the brigands, they repeated to him his own verses (...)"²⁰ Note-se que essa referência a Ariosto, datada de 1904, atribui a ressonância da grandeza do *Orlando Furioso* ("great literature") ao momento em que surge, isto é, se não "before the modern movement" (a Renascença), ao menos

(19) Id., "Gitanjali", in *Essays...*, cit., p. 387.

(20) YEATS, W. B. "Samhain 1904", in *Explorations*. New York, Collier Books, 1973, p. 152.

"while it was but new". Em suma: no Yeats de 1904, como de 1902, encontramos restrições para com os ideais do Renascimento que parecem desaparecer em textos posteriores à viagem à Itália, como o de 1912, que estávamos analisando. Texto, este último, em que se nota a tendência a passar a uma posição mais próxima de Pater que de Symonds, a tornar mais esbatida a diferença entre Idade Média e Renascimento, e a levar o foco de interesse deste último para os séculos anteriores ao XVI.

Tal tendência é plenamente confirmada, em 1913, pelos *Poems Written in Discouragement*, onde lemos uma das poesias de Yeats que melhor retratam seu entusiasmo pela Renascença italiana. Poesia em cujos versos os mecenas da Itália renascentista são lembrados com saudade e contrapostos aos homens que o Poeta verberava pela atitude tomada no incidente da recusa da pinacoteca oferecida a Dublin por Hugh Lane. Vale reler esses versos:

What cared Duke Ercole, that bid
 His mummers to the market-place,
 What th'onion-sellers thought or did
 So that his Plautus set the pace
 For the Italian comedies?
 And Guidobaldo, when he made
 That grammar school of courtesies
 Where wit and beauty learned their trade
 Upon Urbino's windy hill,
 Had sent no runners to and fro
 That he might learn the shepherds' will.
 And when they drove out Cosimo,
 Indifferent how the rancour ran,
 He gave the hours they had set free
 To Michelozzo's latest plan
 For the San Marco Library
 (...)²¹

A crítica é unânime em apontar nesses versos de "To a Wealthy Man..." a admiração de Yeats pelos príncipes da Renascença. Ora, há nessa poesia de 1913 um ponto que contrasta fortemente com o texto de 1902 (o texto sobre Spenser, aci-

(21) Id., "To a Wealthy Man who Promised a Second Subscription to the Dublin Municipal Gallery if it Were Proved that People Wanted Pictures", in *The Poems*, edited by Richard J. Finnerann. New York, MacMillan, 1983, p. 245, p. 107.

ma reproduzido) e que robustece a impressão colhida no texto de 1912 (o elogio a Tagore): há nesses versos, envolvida em louvor do Renascimento, uma dilatação das balizas do período. De fato, em 1902, o Renascimento, visto com muitas restrições, era situação nas primeiras décadas do século XVI. Depois, em 1904, Ariosto (que vive até 1533) era considerado poeta de um tempo em que o Renascimento "was but new", se não mesmo de um tempo concluído "before the modern movement". Em 1902, portanto, a Renascença é situada no primeiro quartel de Quinhentos; em 1904, é adiada para a metade do século (salva-se Ariosto de pertencer a um período ainda visto com maus olhos, mas nessa benevolência para com o autor do *Orlando Furioso* pode-se entrever algum efeito da leitura de uma grande obra renascentista, *O Cortesão*, que Yeats começara a ler em 1903). Nota-se agora, nesta poesia de 1913, como no ensaio de 1912, que Yeats tende a valorizar toda a Renascença e a antecipá-la para o século XV, senão para o século XIV. De fato, Ercole d'Este, duque de Ferrara, morre no início do século XVI, em 1505, pouco antes de Guidobaldo de Montefeltro, duque dessa Urbino que Yeats tanto admira e que esteve sob aquele príncipe até 1508. Ambos os duques viveram muito antes de aparecerem as obras-primas da literatura renascentista, devidas a Ariosto e Maquiavel. Muito antes dos grandes tratados de Bembo e Castiglione. E bem mais de um quarto de século antes do nascimento de Torquato Tasso. Quanto a Cosimo de' Medici, senhor de Florença (1386-1464), é homem do ocaso do século XIV, e que na primeira metade do século XV ascende ao poder. Temos nos versos de "To a Wealthy Man...", portanto, a confirmação, no plano poético, das reflexões críticas formuladas por Yeats em 1912.

Entre 1902 e 1913 medeiam as importantes experiências de Yeats a que já nos temos referido: a leitura de Castiglione e a viagem à Itália. E se os textos desses dois períodos revelam posições cronológicas muito diferentes, antitéticas em alguns pontos, é preciso não esquecer que, para além destes anos decisivos, há também testemunhos de outras flutuações do pensamento de Yeats sobre o assunto. Assim, por exemplo, se as páginas de *On the Boiler* não servem, como queria Carpenter, para ilustrar o pensamento de Yeats tal como se configurava no início do século, servem, isto sim, para mostrar que o pensamento de Yeats não se deteve. *On the Boiler* tende novamente a restringir, não a alargar, o período renascentista. Eis um trecho digno de nota:

Our present civilization began about the first Crusade, reached its mid-point in the Italian Renaissance; just when that point was passing Castiglione recorded in his *Courtier* what

was said in the Court of Urbino *somewhere about the first decade of the sixteenth century*²².

Para o Yeats de *On the Boiler*, pois, vêm a coincidir o apogeu da civilização que ele chama nossa e o Renascimento italiano, por ele situado agora na altura do início do século XVI. E um único nome lhe basta para fixar o centro da Renascença literária italiana: não é Dante, nem Petrarca, não é Ariosto nem Tasso, mas Baldassar Castiglione, o autor do *Cortesão*. Essa mudança havida em Yeats, que acaba por ver no Renascimento o "midi-point" de "our present civilization", é o que não se vê lembrado pelos minuciosos analistas da influência de Castiglione sobre o Poeta. Mas voltemos agora novamente a atenção para o pensamento de Yeats sobre o Renascimento italiano tal qual se apresenta no limiar do século XX.

Se há contraste entre a cronologia do Renascimento proposta por Yeats antes e depois da leitura de Castiglione e da viagem de 1907, mais notável, ainda, nesse período, é o contraste entre os momentos sucessivos de sua apreciação do significado da literatura renascentista italiana. Ao se abrir o novo século, em 1901, Yeats não lhe poupa um juízo severo:

Had there been no Renaissance and no Italian influence to bring in the stories of other lands, English history would, it may be, have become as important to the English imagination as the Greek myths to the Greek imagination (...). English literature, because it would have grown out of itself, might have the simplicity and unity of Greek literature, for I can never get out of my head that no man, even though he be Shakespeare, can write perfectly when his web is woven of threads that have been spun in many lands²³

A dureza dessa página anuncia aquela outra, de 1902, em que se deploravam as influências renascentistas italianas sobre Spenser. Convém reler aquelas palavras, cuja análise agora retomamos.

No texto de 1902, o que logo avulta é que os nomes de Ariosto e Tasso são tomados como os grandes marcos da literatura renascentista, a que tantas restrições se fazem. O nome de Castiglione, cuja obra Yeats ainda desconhece, nem sequer é lembrado. Mas não é só: Ariosto e Tasso vêm citados lado a lado, fala-se em "their influence" sobre Spenser, deplorando-a, pois teria deixado

(22) Id., *Explorations*, cit., p. 431. Grifo nosso.

(23) Id., "At Stratford-on-Avon", in *Essays...*, cit., p. 109.

"deafened and blinded" o poeta inglês. Para Yeats, portanto, é como se os efeitos da leitura de ambos os poetas sobre Spenser fossem, além de nefastos, equivalentes. Ou seja, essas palavras de Yeats levariam a crer que Ariosto e Tasso seriam poetas de tal modo semelhantes que a aproximação de um, de outro, ou de ambos, somente poderia produzir conseqüências iguais, conseqüências genericamente descritas e deploradas – como atrás se viu – por consistirem em "to love the journey more than its end, the landscape more than the man, and reason more than life, and the tale less than its telling". Ora, deixando de lado o exame da validade desse juízo de Yeats sobre a arte de Spenser, o que se nota é que a pretensa equivalência entre a poesia de Ariosto e Tasso vem revelar que, em 1902, era ainda bem pouco o que Yeats havia lido sobre os escritores do Renascimento italiano. O nome de Tasso está quase ausente das obras de Yeats; Ariosto, como vimos, é lembrado com admiração desde 1904. A essa altura, entretanto, em 1902, Yeats parece desconhecer que a literatura renascentista está bem longe do estereótipo em que ele forçosamente a quer enquadrar, e que as obras de Ariosto e Tasso, embora semelhantes na grandeza poética, se mostram tão diferentes entre si que o século XVII se dividiu entre partidários de uma ou de outra. Para alguém que sempre admirou a Renascença, como pretende Corinna Salvadori, é preciso convir que Yeats, até aqui, pouco a conhecia. E que nessa página bem longe está de demonstrar-se admirador não só dos poetas citados, mas da literatura mesma de que os faz representantes.

Analiseemos mais de perto o texto. A literatura renascentista italiana é desde logo contraposta à medieval de Malory e dos menestréis, tida como "more humane, more noble". Se não se nega paixão à literatura da Renascença, o que nela se julga predominante é a perícia. Haja vista o insistente emprego de termos como "artificial", "craftsman", "connoisseur". E, de fato, logo a seguir Yeats sintetiza as oposições ao falar na luta "of the passion of the Middle Ages with the craft of the Renaissance"²⁴

Não são palavras isoladas. Ainda no ano seguinte, 1903, ao comentar um livro de *lady* Gregory, Yeats deixa clara sua preferência pela poesia popular – que se perderia com a difusão da Renascença, como vimos no texto de 1904 – diante da poesia aristocrática e cuidada:

The poet must always prefer the community where the perfected minds express the people, to a community that is vainly seeking to copy the perfected minds. To have even perfectly the thoughts that can be weighed, the knowledge that can be got from books, the precision that can be learned at school, to be-

(24) Id., "Edmund Spencer", cit., p. 362.

long to any aristocracy, is to be a little pool that will soon dry
up²⁵

É manifesta aqui a polémica ante alguns pontos tidos como fundamentais entre os renascentistas. Yeats se insurge contra o que os cartesianos diriam idéia clara e distinta ("the thoughts that can be weighed"), contra o estilo formado na lição dos clássicos ("the knowledge that can be got from books"), contra a expressão polida pelo exercício ("the precision that can be learned at school"). Insurge-se contra o ideal mesmo de recriar os momentos de beleza imortalizados pelos gênios do passado ("a community that is vainly seeking to copy the perfected minds"). Ainda mais: Yeats denuncia a condenação à morte que é para o artista o pertencer a "any aristocracy". Essas palavras severas só fazem aumentar o assombro de quem considere a mudança operada em Yeats a partir desse mesmo ano de 1903.

A partir de 1903 será justamente uma aristocrata – a amiga *lady* Gregory – a fazê-lo apreciar um livro que desde o título – *O Cortesão* – fala de aristocracia. E um livro que, como se sabe, é uma das grandes obras do Renascimento italiano, escrita com toda a finura e toda a elegância da arte literária do período. Já se notou que, desde 1904, Yeats passa a manifestar certa benevolência, se não com a literatura mesma do Renascimento, ao menos com alguns de seus nomes mais representativos, que antes reprovava (Ariosto). Comparem-se agora as duras palavras que acabamos de transcrever, com estas, de 1906. Yeats se põe a afirmar que a Arte habita com predileção em cortes como a de Castiglione, que a Arte sempre elegeu criaturas invulgares, que a Arte "approved before all men those that talked or wrestled or tilted under the walls of Urbino or sat in those great window-seats discussing all things, with love ever in their thought, when the wise Duchess ordered all, and the Lady Emilia gave the theme"²⁶ Já agora a Arte está sob a proteção da aristocracia ("the wise duchess ordered all"); já agora os pensamentos não perdem valor por seguirem roteiro preciso ("the Lady Emilia gave the theme"); já agora, enfim, não mais se desprezará "the precision that can be learned at school": pelo contrário, há de buscar-se, com ardor, a Urbino que é "that grammar school of courtesies"²⁷

Que diferença entre o Yeats anti-italianizante de 1901 ("Had there been no Renaissance and no Italian influence..."), o Yeats anti-renascentista de 1902 ("Ariosto... Tasso... Deafened and blinded by their influence..."), o Yeats anti-

(25) Id., "The Galway Plains", in *Essays...*, cit., p. 214.

(26) Id., "Discoveries", in *Essays...*, cit., p. 293.

(27) Id., "To a Wealthy Man...", cit., p. 107.

aristocrático de 1903 ("to belong to any aristocracy is to be a little pool...") e esse outro, que ouvimos falar após a leitura de Castiglione! Diferença que se confirma em 1907, ano da viagem à Itália, quando, para Yeats, o artista, mais que intérprete do povo, vem a ser um cortesão que cria modelos a partir da experiência gloriosa dos antigos. É o que ele próprio nos diz acerca do artista: "He is indeed the creator of standards of manners in their subtlety, for he alone can know the ancient records and be like some mystic courtier who has stolen the keys from the girdle of Time, and can wander where it pleases him amid the splendours of ancient Courts"²⁸ E as citações poderiam multiplicar-se: *Poetry and Tradition*, quase de ponta a ponta, é depoimento claríssimo dessa transformação. Mas o que temos dito é suficiente para perceber que, se o século XX se abre para um Yeats decididamente avesso ao que entende ser o Renascimento literário italiano, logo uma importante mudança se vai operando no ânimo do Poeta. Não dizemos que nessa mudança Yeats se haja despojado de todas as restrições para com a literatura renascentista italiana. O que dizemos é que, nesses anos, o Poeta descobre a possibilidade de um diálogo com essa literatura. Diálogo indireto, que não prescindirá de traduções, devido ao que Yeats denominava "my ignorance of Italian"²⁹ Diálogo limitado: grandes nomes como o de Maquiavel serão esquecidos (o que não deixa surpreender, dado o interesse de Yeats pela política e pelo teatro); grandes obras, como *O Cortesão*, serão lidas com insistência em algumas direções somente. Mas, seja como for, passa a existir, em Yeats, a disposição à escuta, a aceitação de afinidade. E precisamente nessa mudança de atitude para com a literatura do Renascimento italiano está, a nosso ver, uma notável consequência do encontro entre Yeats e Castiglione, merecedora de maior atenção por parte dos críticos do Poeta.

ABSTRACT: Yeats's interest in Castiglione's *Courtier* is sometimes thought to be an instance of his permanent admiration for the Italian Renaissance. But as far as literature is concerned, such an admiration cannot be taken for granted. An examination of Yeats's approach to that literary period in the years immediately preceding and following his discovery of Castiglione, in the early 1900's, shows that those years were for him a turning-point. He then came to consider the Renaissance as complementary rather than opposite to his ideals. This essay tries to describe Yeats's attitude to the Italian literary Renaissance in that period of his evolution.

Keywords: Art, aristocracy, Italian Renaissance.

(28) Id., "Poetry and Tradition", in *Essays...*, cit., p. 253.

(29) Id., *The Letters*, cit., p. 459.